

Maria da Conceição Tavares e a contribuição a partir da periferia para o campo da Economia Política Internacional

Carla Curty¹

Resumo: Que Maria da Conceição Tavares é um dos maiores nomes da história do pensamento econômico brasileiro e latino americano é um fato incontestado na área. Atualmente, sua obra tem sido amplamente estudada e abordada, como também os desdobramentos e influências de sua obra. No entanto, um importante campo em que a autora contribuiu de maneira significativa que é pouco abordado, é o da economia política internacional. O que é peculiar, porque a análise de Tavares sobre a Economia Política Internacional, que remonta aos anos 1980, é fortemente inovadora e perspicaz dentro deste campo, em especial, levando-se em consideração o estado da arte do campo naquela época. Neste artigo, pretende-se abordar os principais elementos da análise de Tavares sobre a Economia Política Internacional, destacando suas contribuições inovadoras ao campo e também o fato desta perspectiva ser uma análise forjada na periferia do capitalismo. Considera-se que por ser uma análise sobre hegemonia e capitalismo e seus desdobramentos feita a partir da periferia do capitalismo em um período de crise e de rearticulação das relações entre esta periferia e os EUA seja um dos elementos que traz a sua análise este potencial inovador.

Palavras-chave: Economia Política Internacional; Maria da Conceição Tavares; Hegemonia EUA; Pensamento Econômico Latino Americano; Diplomacia do dólar forte.

1. Introdução

Maria da Conceição Tavares é um dos principais nomes da história do pensamento econômico brasileiro e da história do pensamento econômico latino americano. Suas análises sobre os padrões de acumulação e de industrialização no Brasil, desenvolvimento e o crescimento econômico brasileiro são objetos de análise de vários trabalhos no âmbito da história do pensamento, assim como também são muito estudadas e sistematizadas as contribuições de Maria da Conceição Tavares sobre o capitalismo financeiro e sobre o sistema financeiro brasileiro. Suas contribuições para os debates econômicos, em especial, no campo da economia política, no Brasil e na América Latina são inegáveis. No entanto, um campo de contribuição muito significativo no corpo de sua obra, mas que

¹ Professora Adjunta do Instituto Três Rios da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (ITR-UFRRJ), pesquisadora do Laboratório de Estudos Marxistas (LEMA – IE/UFRRJ-UFRRJ) e do Coletivo Marxista da Rural (MAR –UFRRJ). Membro do Grupo de Trabalho de História do Pensamento Econômico Brasileiro (GT-HPEB) da SEP. E-mail: carla_curty@yahoo.com.br.

é pouco abordado, são as contribuições de Maria da Conceição Tavares para a economia política internacional (EPI).

O campo da economia política internacional surge de maneira mais sistematizada nos anos 1970 a partir da obra de Susan Strange, em especial em seu artigo de 1970 – “International Political Economics and International Relations: a case of mutual neglect”, em uma tradução livre: “Economia Política Internacional e Relações Internacionais: um caso de negligência mútua”. Ainda que seja possível identificar obras anteriores que possam ser entendidas como contribuições para os debates do que passa a ser conhecido como economia política internacional, em especial os debates em torno da questão do imperialismo apresentados na virada do século XIX para o século XX e nas primeiras décadas do século XX, é com a obra de Strange e com os debates em torno das controvérsias sobre a hegemonia dos EUA nos anos 1970 e 1980 que o campo da economia política internacional se consolida como um campo específico do conhecimento. Naquele período, em ocasião das crises que assolavam os EUA e que haviam mexido com as estruturas do capitalismo mundial, como a crise cambial do padrão-dólar, a estagflação e a derrota norte-americana no Vietnã, havia uma percepção de “fim da hegemonia” dos EUA, ou no mínimo, uma redução de seu poder global, em especial, se comparado com a configuração de força da hegemonia dos EUA no pós II Guerra Mundial.

Maria da Conceição Tavares nos anos 1980, especialmente, a partir da publicação do artigo “A retomada da hegemonia americana” de 1985 – publicado na Revista de Economia Política e como capítulo em livros –, traz análises instigantes sobre a hegemonia dos EUA e como que esta se reafirma a partir da chamada *política do dólar forte* e do chamado *choque de juros de Volcker* (presidente do FED à época) nos EUA em 1979 e da *diplomacia das armas*, em especial, no contexto das políticas do programa do governo dos EUA conhecido como *Guerra nas estrelas*².

Ou seja, a análise que Maria da Conceição Tavares apresenta é radicalmente diferente do que estava sendo debatido à época, em especial, se pensarmos as discussões sobre hegemonia, economia política internacional e o papel nos Estados Unidos nestes temas que estavam sendo feitas nos países centrais. Não só Tavares (1985) afirma que não há crise da hegemonia dos EUA, como destaca que, pelo contrário, aquela hegemonia estava se reorganizando e se reafirmando no contexto das diplomacias do dólar forte e das armas. Sua análise posteriormente será confirmada pelos movimentos da realidade concreta mundial nos anos 1990 e 2000.

Neste artigo, entendemos que este pioneirismo e originalidade na análise de Tavares se relaciona com o fato de a autora estar analisando as questões das relações econômicas internacionais,

² Cujo nome oficial era *Strategic Defense Initiative* – SDI - Iniciativa de Defesa Estratégica, mas que ficou mais conhecido por seu apelido, em alusão à famosa saga cinematográfica.

em especial, nas relações de coerção e consenso entre os EUA e o resto do mundo, a partir da perspectiva de uma economia latino americana que estava à época imersa em uma significativa crise (da dívida externa), fortemente interligada às ações e consequências desta “retomada da hegemonia dos EUA” nos anos 1980.

O objetivo deste artigo é sistematizar as principais contribuições de Maria da Conceição Tavares para as questões da economia política internacional, localizando estas contribuições como contribuições relevantes para história do pensamento neste campo e com isso, revelar a importância destas contribuições para história do pensamento econômico brasileiro e latino americano e a importância de considerarmos as análises sobre economia política e economia política internacional que sejam construídas a partir de realidades periféricas.

2. Perfil teórico de Maria da Conceição Tavares e as fases de sua obra

Falar sobre Maria da Conceição Tavares em 2022 chega a ser redundante, muito foi escrito sobre uma das maiores economistas e um das principais professoras dos economistas e das economistas no Brasil. Formada inicialmente em matemática em Portugal, Maria da Conceição Tavares teve sua formação na economia realizada no Brasil, após sua migração nos anos 1950³, na antiga Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com alguns dos grandes nomes da considerada ortodoxia no pensamento econômico brasileiro, como Otávio Gouveia de Bulhões, professor do qual atual posteriormente como assistente. Mas Maria da Conceição Tavares não é um nome associado ao *mainstream* do pensamento econômico, e sim, sinônimo de *heterodoxia* no pensamento econômico no Brasil, sendo uma das responsáveis pela formação e pela consolidação de 2 dos mais importantes polos de pensamento crítico em economia no Brasil, o Instituto de Economia (IE) da UFRJ e o Instituto de Economia (IE) da Unicamp⁴.

Nesta perspectiva crítica e de referenciais da chamada *heterodoxia*, foi, como a própria afirma, fortemente influenciada por Kalecki e por Aníbal Pinto, e, em menor medida, influenciada também por Celso Furtado, Caio Prado Jr., Ignácio Rangel, Raúl Prebisch, clássicos da economia política, assim como, por Karl Marx, John Maynard Keynes, Joseph Schumpeter e Josef Steindl.

De uma maneira geral, a perspectiva das análises de Maria da Conceição Tavares pode ser encaixada em uma perspectiva da economia política, ou seja, integra à economia elementos sociais,

³ Maria da Conceição Tavares migra para o Brasil em 1954 e se forma em economia na antiga Universidade do Brasil, atual UFRJ, em 1960.

⁴ Sobre as influências de Maria da Conceição Tavares sobre o que é considerada a *Escola de Campinas*, ver BASTOS (2021).

políticos e culturais, ainda que trabalhando com o instrumental propriamente dito da economia, não o fazendo de uma maneira economicista ou sem conexão com os demais elementos da realidade à qual busca trazer análises. Suas análises têm também como forte referência os elementos históricos e o sentido da função social (engajada e crítica)⁵ da profissão de economista. Nas palavras de Ricardo Bielschowsky em uma publicação em sua homenagem:

“mente brilhante, solidez teórica em economia, cultura histórica, e perspectiva multidisciplinar. Não é que faça análises totalizantes - ela sempre se burla disso -, mas é que tem a sensibilidade que os economistas tradicionais não têm para as disciplinas afins, a sociologia, a ciência política, a história. Para ela a economia é uma disciplina social e histórica, que para ser bem empregada requer, é claro, conhecimento teórico, mas requer também análises que saiam do âmbito restrito das aborrecidas tecnicidades, e ajudem a entender a história e a sociedade em toda sua complexidade. E, não menos importante, a poderosa combinação entre criatividade e rebeldia. Mexe com a cabeça dos alunos e dos colegas economistas, obriga todo mundo a ‘pensar grande’.” (BIELSCHOWSKY, 2010, p.193-194)

Os principais temas que Maria da Conceição Tavares aborda em suas obras, partindo desta perspectiva multidisciplinar, são: reflexões sobre a realidade econômica do Brasil (e da América Latina) tendo como referência elementos históricos-estruturais das formações econômicas da região; a relação destas economias periféricas com a hegemonia dos EUA; industrialização; inflação; distribuição de renda; desenvolvimento; subdesenvolvimento; moeda e finanças; financeirização; globalização.

A dissertação de mestrado defendida por Robilloti em 2016 divide a obra de Maria da Conceição Tavares em 3 fases: a fase “cepalina”; a fase sobre o desenvolvimento capitalista no Brasil e, por fim, a fase da economia política internacional.

Robilloti (2016) identifica como fase “cepalina” (que engloba os anos 1963-1972), a fase em que o foco de sua obra está na análise crítica sobre o processo de industrialização na América Latina (especialmente, no Brasil). São dessa fase as obras “Além da estagnação (este em coautoria com José Serra; 1963); “O processo de substituição de importações como modelo de desenvolvimento na América Latina” (artigo de 1965); “Da substituição de importações ao capitalismo financeiro” (livro publicado em 1972).

A segunda fase identificada por Robilloti (2016), o autor identifica como a fase sobre o Desenvolvimento – e aqui acreditamos caber falar também em subdesenvolvimento – capitalista no

⁵ Sobre sua articulação como economista de engajamento crítico é importante notar que Maria da Conceição Tavares, desde que ganhou notoriedade no campo da economia no Brasil e na América Latina, sempre esteve engajada e envolvida nos debates públicos, chegando inclusive a ser eleita deputada federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT) do Rio de Janeiro na legislatura de 1995-1998.

Brasil (que engloba os anos 1973-1981), e esta é a fase em que estão suas análises críticas das teorias clássicas da CEPAL sobre o processo de desenvolvimento capitalista no Brasil ao longo do século 20 (em especial, nos anos 1960 e anos 1970). Nesta fase, as principais obras são: “Além da estagnação (este em coautoria com José Serra; 1963); “O processo de substituição de importações como modelo de desenvolvimento na América Latina” (artigo de 1965); “Da substituição de importações ao capitalismo financeiro” (livro publicado em 1972); “Acumulação de capital e industrialização no Brasil” (tese de livre docência UFRJ, 1974); “Ciclo e crise: o movimento recente da economia brasileira” (tese de professora titular Unicamp, 1978).

E, por fim, a fase ligada aos temas da Economia Política Internacional (EPI) e da financeirização internacional e globalização e à hegemonia dos EUA, tema deste artigo, (que engloba a maior parte das obras de Conceição a partir de 1985). Nesta fase, o foco em temas do poder e do dinheiro/moeda – análises sobre as transformações no capitalismo global a partir de um ponto de vista da periferia – dialética análise internacional e análise nacional (brasileira). Desta fase, destacamos os textos: “A internacionalização do Capital e as “Multinacionais” na Indústria Brasileira” (de 1980, escrito em coautoria com Aloísio Teixeira) e publicado como Texto para Discussão (TD) da UFRJ e posteriormente (1981 publicado na *Revista de la Cepal*); “A Crise Financeira Global” (artigo de 1983); “A retomada da hegemonia americana” (artigo de 1985); o livro “(Des)ajuste global e modernização conservadora” (este em coautoria com José Luís Fiori; 1993) e o livro “Poder e dinheiro” (coletânea organizada com José Luís Fiori, 1997), assim como o capítulo “Império, território e dinheiro” do livro organizado por José Luís Fiori, “Estados e moedas” de 1999, o capítulo (escrito em coautoria com Luiz Gonzaga Belluzzo) “A Mundialização do Capital e a Expansão do Poder Americano” no livro organizado por José Luís Fiori “O poder americano” de 2004 e o artigo (escrito em coautoria com Maurício Metri) “A geoeconomia do império e as mutações do capital: os dois ciclos de expansão econômica dos Estados Unidos no final do século XX”, escrito em 2003/2004 e publicado em 2020 na *Revista de Economia Política*.

Ainda que esta seja uma fase bastante relevante e inovadora da obra de Maria da Conceição Tavares, esta fase é pouco abordada em sistematizações de seu pensamento. Uma das poucas exceções, mas que foca mais nos aspectos da financeirização e da globalização no corpo da obra de Tavares é a tese de doutorado de João Marcos Hausmann Tavares, defendida no PPGE/IE/UFRJ em 2017, (TAVARES, 2017). As duas outras fases, a “fase cepalina” e a “fase sobre o desenvolvimento”, talvez por sua forte influência na formação das reflexões e formações críticas dos e das economistas heterodoxos brasileiros(as) e latino(a) americanos(as) são mais debatidas e sistematizadas, em especial, no âmbito da história do pensamento econômico brasileiro e latino americano. Já sua “fase da Economia Política Internacional”, ainda que de significativa relevância para os debates da área,

como veremos ao longo deste capítulo, recebeu menos destaque em sistematizações e balanços no âmbito da história do pensamento econômico brasileiro e latino americano – as principais exceções sendo o artigo de José Luís Fiori, em ocasião de homenagem aos 70 anos de Tavares, “Maria da Conceição Tavares e a hegemonia americana” (FIORI, 2000) e o capítulo de Emir Sader (2010) “Imperialismo e hegemonia” em uma coletânea sobre a autora na ocasião de seus 80 anos.

Sobre os debates da Economia Política Internacional, além dos autores acima citados como influências importantes para o pensamento de Maria da Conceição Tavares (*cf.* a própria autora afirma em entrevistas, ver TAVARES (2008) e TAVARES (2019)), podemos destacar outras influências que sejam relevantes para as temáticas deste campo, como a autora mesmo aponta em algumas entrevistas sobre sua obra e suas análises, em especial, autores e autoras da tradição marxista que abordaram os temas da hegemonia, do imperialismo e do capital financeiro, como Antonio Gramsci⁶, Rosa Luxemburgo, Rudolf Hilferding e John Hobson (este, um liberal, e não marxista, mas que havia sido um importante nome da história do pensamento nos temas do imperialismo).

Podemos também destacar como elementos importantes para a construção de sua visão sobre Economia Política Internacional, seu diálogo crítico com autores e autoras ligados às teorias da dependência, em especial, em suas vertentes do pensamento de Celso Furtado (Cepal) e da teoria da dependência associada (com autores como Fernando Henrique Cardoso, Enzo Falleto, e outros autores e outras autoras da USP e do Cebrap) e de maneira ainda mais crítica em diálogo com as contribuições da teoria marxista da dependência, mais marcadamente nas obras de Ruy Mauro Marini⁷, reflexões estas que contribuíram para sua compreensão sobre a inserção da América Latina e do Brasil no cenário do capitalismo global.

Como será apresentado na próxima seção, a análise de Maria da Conceição Tavares sobre hegemonia, em especial, sobre a retomada da hegemonia dos EUA nos anos 1980 e sobre a consequente afirmação desta retomada, tem como elemento central a dimensão monetária e financeira do poder do *hegemon*. Esta dimensão tem importância significativa, tanto para a compreensão do período histórico e as reconfigurações do capitalismo pós anos 1970, como também para o todo do corpo da obra e das análises de Maria da Conceição Tavares, a centralidade das finanças e de sua articulação em âmbitos nacional e internacional para o desenvolvimento econômico contemporâneo.

⁶ Maria da Conceição Tavares em entrevista sobre o tema admitiu essas influências, ver TAVARES (2008, p. 17-18) e TAVARES (2019, p. 16-17).

⁷ A percepção crítica de Maria da Conceição Tavares sobre a obra de Ruy Mauro Marini e as contribuições da Teoria marxista da dependência foi atravessada pelos problemas gerados pela invisibilização que as obras destes autores viveram na academia brasileira ao longo dos anos 1970 e 1980. Logo é necessário compreender que estas críticas são limitadas e não foram construídas com os mesmos parâmetros que os diálogos críticos com as demais vertentes das teorias da dependência. Para compreender melhor os debates e questões em torno da invisibilização da obra de Ruy Mauro Marini e a hegemonia da visão sobre dependência a partir da visão da dependência associada, ver Correa Prado (2011).

3. A visão original de Maria da Conceição Tavares para o campo da Economia Política Internacional (EPI)

Como afirmado anteriormente, o campo conhecido como Economia Política Internacional (EPI) surgiu como um campo específico nos anos 1970 no mundo anglo-saxônico com os debates gerados a partir da publicação do artigo de Susan Strange (1970) – *“Internation Political Economics and International Relations: a case of mutual neglect”*, em uma tradução livre: “Economia Política Internacional e Relações Internacionais: um caso de negligência mútua”.

Como também já afirmado, naquela época estes debates se davam sobre a aparente (à época) crise hegemonia dos EUA. As evidências imediatas da aparência da realidade capitalista da época indicavam isto, o fim do ciclo hegemônico dos EUA e o espaço para uma nova articulação hegemônica. Afinal, aquele era o contexto histórico das crises na economia mundial (em especial, países centrais e, mais marcadamente, dos EUA) nos anos 1970; a ruptura com o padrão outro-dólar (1971); ascensão das economias japonesa e alemã, que despontaram como economias rivais dos EUA; da derrota dos EUA na guerra do Vietnã. Todos estes elementos apontavam para a crise da hegemonia dos EUA e foi em torno desta aparente crise que boa parte dos analistas internacionais e estudiosos da economia política internacional se debruçaram.

No entanto, os EUA se reorganizaram naquela mesma década. Em especial, se organizaram em termos de reafirmar sua centralidade na economia mundial, ou, como Maria da Conceição Tavares afirmará, reafirmaram sua hegemonia recolocando o dólar na centralidade das transações econômico-financeiras mundiais (TAVARES, 1985). Em 1979, de maneira unilateral, os EUA, através da ação de Paul Volcker, presidente do FED à época, decidem aumentar suas taxas básicas de juros (inicialmente, aumentam de 10% para 15% e posteriormente para 20%) (FRIEDEN, 2008). Este movimento ficou conhecido como “choque de juros do Volcker” e marca uma inflexão na configuração das relações econômicas e financeiras internacionais – que, como veremos, foi destacado por Tavares como os elementos do processo de retomada da hegemonia dos EUA através das chamadas diplomacia do dólar forte e do dólar das armas (TAVARES, 1985).

Além disto, este período é marcado por uma série de medidas no sistema financeiro internacional que ampliaram a flexibilização das regras e controle do fluxo de capitais e do sistema financeiro internacional, marcando um movimento de liberalização financeira que está associado aos movimentos de financeirização das relações econômicas internacionais e da globalização das relações econômicas que marcam a economia mundial a partir dos anos 1970, em especial após os anos 1980 e 1990 (BRAGA, 1997).

Com estas medidas de alterações nas taxas de juros dos EUA, o fluxo de capitais que na época estava se direcionando para a periferia – para os novos investimentos no processo de industrialização na periferia e para os mercados ascendentes do petróleo, os *petrodólares* – e para os mercados europeus (os *eurodólares*), se redirecionam para os EUA, atraídos pelo aumento dos juros e das possibilidades garantidas de rentabilidade. Estes movimentos afetaram fortemente as economias latino americanas, altamente dependentes de capitais internacionais e em franco processo de endividamento, para financiar o padrão de industrialização por substituição de importações, ao longo das décadas anteriores. O aumento das taxas de juros dos EUA, além de reduzirem os fluxos de capitais para a América Latina, também levaram ao aumento significativo dos encargos da dívida, o que piorou a condição de endividamento da região. A partir da moratória mexicana (1982), a escassez de capitais para a América Latina se agravou e gerou uma sucessão de encadeamentos de crises da dívida na região⁸.

Diferentemente do que era o majoritariamente afirmado nos debates da economia política internacional da época – que defendiam que havia uma crise da hegemonia dos EUA e que apontavam inclusive possíveis novas potências substitutas aos EUA, como a economia japonesa e a economia alemã –, em 1985 Maria da Conceição Tavares afirma que o que estava em curso era uma *retomada da hegemonia dos EUA através da diplomacia do dólar forte e da diplomacia das armas*.

Tavares (1985) relaciona as questões de moeda, poder e economia com base no que ela considerava a tríade das formas hegemônicas de organização do sistema mundial. O trabalho de Tavares dá centralidade às relações econômico-financeiras, das quais o Sistema Monetário Internacional é a maior expressão. A tríade de formas de organização hegemônica seria: a hegemonia se manifesta com base em *três tipos de controle: controle da estrutura produtiva*, através do controle da inovação tecnológica – um elemento que levaria à ascensão de formas de organização capitalista relacionadas com o poder financeiro; *controle relacionado à moeda e com as finanças internacionalizadas* – o que, por sua vez, pressuporia o exercício do poder industrial; finalmente, *controle relativo ao poder político-militar* (complexo militar-industrial). Ou seja, as três bases da tríade de hegemonia são: o militar, o produtivo e o relacionado com a moeda.

Maria da Conceição Tavares, ao analisar o processo da retomada da hegemonia dos Estados Unidos no último quartil do século XX – através dos movimentos deste país nos campos da economia e da geopolítica – apresenta os elementos que permitem extrair da relação entre a economia e o poder

⁸ Para mais informações sobre a crise da dívida dos países latino americanos nos anos 1980 ver Carneiro (2002) e Cano (1999).

a centralidade da moeda no exercício dos três tipos de controle que se sintetizam em uma posição hegemônica.

Segundo a linha de raciocínio de Tavares, um determinado país só atingiria, de fato, uma posição hegemônica se mantiver sob o seu jugo as transações e relações entre os países, através do controle do Sistema Monetário Internacional. A análise de Conceição, ao se focar nos fenômenos ocorridos após a constituição do chamado “padrão dólar flexível⁹”, evidencia o papel central da moeda no exercício do poder hegemônico.

Se não fossem os Estados Unidos a maior potência mundial – com o maior e mais temido poder bélico, com a liderança na questão produtiva e acima de tudo, com o pleno controle monetário e financeiro internacional – o Sistema Monetário Internacional não assumiria a configuração do chamado “padrão dólar flexível”. Afinal, neste padrão monetário, a moeda é totalmente fiduciária, o seu único “lastro” reside na solidez e força estrutural do poder, político e econômico, dos Estados Unidos. Neste cenário em que o dólar “provê liquidez instantânea em qualquer mercado; garante segurança nas operações de risco; e serve como unidade de conta da riqueza financeira virtual, presente e futura.” (TAVARES & MELIN, 1997, p. 63 – 64), ou seja, é a moeda financeira internacional. Como Tavares já havia afirmado em seu texto de 1985, o principal elemento que na economia mundial contemporânea (pós anos 1970) dá conotação de poder hegemônico a uma economia não é ser o maior poder econômico, a maior economia ou o fato de ser a maior potência militar, mas sim, sua capacidade de enquadramento (através de coerção e consenso) econômico-financeiro e político-ideológico de seus adversários e aliados. A capacidade de dominação que é derivada de seu poder monetário-financeiro e seu poder militar que são os fatores determinantes da hegemonia.

“O fulcro do problema não reside sequer no maior poder econômico e militar da potência dominante, mas sim na sua capacidade de enquadramento econômico financeiro e político-ideológico de seus parceiros e adversários. Este poder deve-se menos à pressão transnacional de seus bancos e corporações em espaços locais de operação, do que a uma visão estratégica da elite financeira e militar americana que se reforçou com a vitória de Reagan. Em verdade, seus sócios ou rivais capitalistas são compelidos, não apenas a submeter-se, mas a racionalizar a visão dominante como sendo a ‘única possível’.” (TAVARES, [1985] 1997, p. 28 – 29)

Emir Sader (2010) afirma que este entendimento sobre o que é hegemonia e o que dá poder hegemônico a um país “significa capacidade de impor um modelo de acumulação de capital como

⁹ Por padrão-dólar flexível entende-se o padrão monetário internacional adotado desde os anos 1970, pós ruptura com o padrão ouro-dólar. No padrão dólar flexível, o dólar ainda é a moeda de referência internacional, mas agora sem lastreamento em ouro e câmbio fixo com o ouro ou com as demais moedas. Para maiores informações sobre o padrão dólar-flexível ver Serrano (1999), Serrano (2004) e Medeiros e Serrano (1999).

dominante, com capacidade de constituir um bloco de forças e de dirigi-lo, combinando força e consenso” (SADER, 2010, p. 38). Esta hegemonia, notoriamente desempenhada pelos EUA ao longo do século XX, é, segundo Tavares (1985; & MELIN, 1997) reconfigurada nos anos 1980.

Para Tavares, portanto, o que molda o patamar mais elevado de determinada potência na hierarquia do sistema internacional é o fato deste país ser o grande direcionador das relações entre as economias e os Estados nacionais. De seu ponto de vista, o domínio desta potência é costurado pelo fato de que a sua moeda nacional torna-se a moeda financeira internacional. Se a costura entre poder e economia está no comando sobre moeda internacional e este instrumento é uma moeda nacional, então se põe a questão de “o que é representa a moeda”, especialmente em um sistema monetário internacional de base totalmente fiduciária. Tavares salienta que nos anos 1980 os elementos relacionados com a moeda tinham uma centralidade no exercício do poder dos EUA e de sua posição hegemônica.

A diplomacia do dólar forte, na análise de Tavares (1985; & MELIN, 1997) foi o mecanismo através do qual os EUA retomaram o controle financeiro internacional. Através dos movimentos do choque de juros dos EUA – o aumento das taxas de juros dos EUA, que levariam aos processos de atração de capitais para os EUA e de quebra e recessão da economia mundial, e de certa forma, da economia dos EUA também –, do movimento da liquidez internacional centralizada pela política fiscal dos EUA e de política monetária interna aos EUA de sobrevalorização do dólar, os EUA conseguiram levar aos processos de amarração das flutuações de taxa de juros e de taxas de câmbio mundiais ao dólar.

Ou seja, culminaram com a reinserção do dólar na centralidade das relações econômico-financeiras mundiais, levando às políticas econômicas mundiais – políticas cambiais, monetárias, fiscal e de taxa de juros – (tanto nos países centrais, quanto na periferia, mas em especial, nos países periféricos) a um ajustamento de acordo com o movimento das políticas macroeconômicas dos EUA, de maneira a configurar um “equilíbrio macroeconômico”. Que resulta em “o espectro das taxas de crescimento, das taxas de câmbio e de juros passou a ser concêntrico ao desempenho destas variáveis no âmbito da economia americana” (TAVARES, [1985] 1997, p. 35-36). Tavares continua o raciocínio afirmando:

“O “equilíbrio macroeconômico” da economia mundial, dada a “dolarização” generalizada do sistema de crédito, obriga a maioria dos países a praticar políticas monetárias e fiscais restritivas e a obter superávits comerciais crescentes para compensar a situação deficitária da potência hegemônica. Estas políticas, por sua vez, esterilizam o potencial de crescimento endógeno das economias nacionais e convertem os déficits públicos em déficits financeiros estruturais inúteis para uma política de reativação econômica, de corte keynesiano.” (TAVARES, [1985] 1997, p. 36).

Note-se que este movimento está intimamente associado aos processos de crises da dívida dos países latino americanos nos anos 1980 – o choque de juros dos EUA levam a um processo de aumento do montante da dívida, à escassez de dólares no cenário internacional do período, dificultando assim a capacidade de liquidar a dívida dos países latino americanos. Ou seja, é a diplomacia das armas, um dos principais meios de retomada da hegemonia dos EUA, que desenrola-se a crise da dívida dos países latino americanos.

Ao longo dos anos 1980 temos também, junto com os já citados movimentos de ampliação da financeirização em escala mundial, de recentralidade do dólar e de retomada da hegemonia dos EUA, o processo de consolidação do neoliberalismo em escala global e uma das formas de consolidação do neoliberalismo, em especial, como orientador das políticas macroeconômicas foi o processo de reorganização das economias latino americanas no pós-crise da dívida. Especificamente, destaca-se aqui a sugestão (na real, imposição) de condução das políticas macroeconômicas restritivas, focas no “equilíbrio” a partir das diretrizes do Consenso de Washington (1989), as chamadas *políticas de estabilização*, cf. Cano (1999). Assim, os movimentos mundiais, em especial na periferia latino americana, de consolidação do neoliberalismo reforçam a subordinação destas economias ao dólar, aos EUA e às diretrizes das políticas macroeconômicas dos EUA. No texto “Império, Território e Dinheiro” de 1999, Maria da Conceição Tavares desenvolve a ideia de como que neste contexto de reforço da hegemonia dos EUA através da *diplomacia do dólar forte*, em um cenário de expansão neoliberal e de financeirização da economia mundial torna-se impossível um movimento de autogerenciamento das economias e de desenvolvimento de políticas de crescimento, tanto nas economias centrais – com exceção do *hegemon* – quanto e mais marcadamente, na periferia. Ressaltando que o sistema internacional se organiza de tal maneira que problemas nos processos de acumulação no centro, usam a periferia como manobra de ajuste, o que reforça o poder da economia no centro e acentua a dependência periférica.

“Qualquer perturbação na valorização no centro do sistema, tem provocado deslocamentos fortes no movimento de entrada ou saída de capitais nos chamados mercados emergentes, tanto de investimento direto quanto de capital especulativo. Nas últimas três décadas a direção dos fluxos de capital já se inverteram várias vezes, provocando flutuações acentuadas no balanço de pagamentos entre as regiões.” (TAVARES, 1999, p. 483)

Tavares e Melin (1997) vão reforçar esta centralidade da diplomacia do dólar forte para a configuração da economia mundial após os anos 1980, marcando a relação entre diplomacia do dólar forte e os chamados movimentos da globalização financeira – dominantes na economia mundial – impulsionada pela “transnacionalização do espaço econômico nacional norte-americano, que foi o motor central do movimento globalizante” (TAVARES & MELIN, 1997, p. 56).

Para Tavares (1985; & MELIN, 1997) a posição hegemônica de um país consiste em deter controle sobre transações e relações entre países, através do controle do Sistema Monetário Internacional. Exatamente o poder que EUA retomam com a *diplomacia do dólar forte* – derivado da subida de juros e com o chamado padrão dólar flexível. E com isso, os EUA conseguem enquadrar todos os sistemas financeiros do resto do mundo ao sistema financeiro dos EUA, integração ligada à essência do processo de globalização financeira e garantem a subordinação de todo o sistema monetário internacional aos movimentos das políticas econômicas dos EUA, mudando o contexto das relações internacionais e reafirmando o poder dos EUA neste cenário.

A análise de Tavares, centrando-se nos fenômenos que ocorreram após a constituição do chamado “padrão dólar flexível”, salienta o papel central do dinheiro no exercício do poder hegemônico. Se os Estados Unidos não fossem a maior potência mundial – com a maior e mais temida potência militar, com liderança na produção e, acima de tudo, com pleno controle monetário e financeiro internacional – o Sistema Monetário Internacional não assumiria a configuração do chamado “padrão do dólar flutuante”. Afinal, neste padrão monetário, a moeda é totalmente fiduciária, o seu único “apoio” reside na solidez e força estrutural do poder político e econômico dos Estados Unidos.

Como Tavares e Melin afirmam em 1997, tendo isso em mente, o dólar “provê liquidez instantânea em qualquer mercado; garante segurança nas operações de risco; e serve como unidade de conta da riqueza financeira virtual, presente e futura.” (TAVARES & MELIN, 1997, p. 63 – 64). Ou seja: dólar (dólar flexível) é a moeda financeira internacional. Inclusive, Tavares & Melin (1997) apontam que ao longo dos anos 1980 (entre 1979 e 1989) as flutuações da taxa de juros dos EUA propiciaram movimentos especulativos em todos os mercados financeiros relevantes do mundo, sem gerar fuga de dólares da economia dos EUA, ao contrário do que a maioria dos economistas da época apontavam.

Para Tavares & Melin (1997), o movimento financeiro pós consolidação dos processos de desregulamentação financeira contribuíram para reforçar a posição central financeira do dólar. O domínio deste poder hegemônico dos EUA é cimentado pelo fato de sua moeda nacional se tornar a moeda financeira internacional. O dólar se tornou “denominador comum da financeirização crescente, em particular nos mercados globalizados” (TAVARES & MELIN, 1997, p. 63). Nestes mercados, o dólar, segundo nossos autores, “provê liquidez instantânea em qualquer mercado; garante a segurança nas operações de risco; e serve como unidade de conta da riqueza financeira virtual, presente e futura”. (TAVARES & MELIN, 1997, p. 63-64). Destes fatos, os autores concluem que o dólar neste sistema é a moeda financeira em um sistema internacional desregulado, sem paridades cambiais fixas. Logo, as funções do dólar no sistema monetário internacional, cada vez mais financeirizado, são as funções

de segurança e de arbitragem. O que leva à necessidade de coordenação (e subordinação) de todos os bancos centrais com os movimentos do dólar e do Fed. Neste sistema, o Fed tem papel central, “não apenas como provedor de liquidez primária, de rentabilidade ou muito menos como garantia do “valor da moeda” internacional” (TAVARES & MELIN, 1997, p. 66).

Se a ligação entre poder e economia está no comando da moeda internacional e este instrumento é uma moeda nacional, logo, o país que emite e controla a moeda internacional, controla a economia mundial.

Ainda do ponto de vista econômico e financeiro, neste texto de 1997, Tavares & Melin (1997), assim como Tavares & Belluzzo (2004), apontam para um fenômeno fundamental para a economia mundial ainda nos dias de hoje (este texto foi finalizado em 2023): a centralidade dinâmica da economia mundial concentrada no eixo EUA-China¹⁰. Atualmente, este ainda é o principal eixo dinâmico da economia mundial e as questões envolvendo China, EUA, disputas e possíveis transições hegemônicas estão nas pautas do dia dos debates de Economia Política Internacional.

Já a chamada *diplomacia das armas*, o outro braço do processo de retomada da hegemonia dos EUA (TAVARES, 1985) consistiu no movimento de exponencial aumento de gastos militares dos EUA nos anos 1980, em especial no governo Reagan (1981-1988), tendo como marco o programa *Guerra nas Estrelas* – cujo nome oficial era *Strategic Defense Initiative* – SDI - Iniciativa de Defesa Estratégica, mas que ficou mais conhecido por seu apelido, em alusão à famosa saga cinematográfica. Programa focado no desenvolvimento de equipamentos militares de alta tecnologia e que levou a uma inovação para o sistema defensivo contra mísseis balísticos.

Este programa fez parte da adoção de uma política de Confrontação com a União Soviética, que ficou conhecida como *Reagan Doctrine* ou Doutrina Reagan. Este movimento fortaleceu a atuação dos EUA na chamada corrida armamentista – a disputa entre os complexos industrial-militar dos EUA e da União Soviética durante a Guerra Fria – e contribuiu para a estratégia geopolítica e militar dos EUA de enfraquecerem a União Soviética – minando seus recursos e a acuando – e de solidificaram seu poder militar ao redor do mundo – movimento que também contribuiu para o fortalecimento da OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte, organização militar, intergovernamental, criada no contexto do pós II GM, liderada pelos EUA e seus principais aliados, em especial, europeus. Além de fortalecer o complexo industrial-militar dos EUA – um elemento importante da economia dos EUA, *cf.* Medeiros (2004a) – e que ajudou a fortalecer a economia dos EUA naquele período e a consolidar a retomada da hegemonia dos EUA.

¹⁰ Sobre as relações entre as economias dos EUA e da China desde os anos 1979 ver: Medeiros (1999); Medeiros (2004b); Medeiros e Cintra (2015); Medeiros (2022); Paraná e Lopes (2022).

Com o fim da União Soviética e o desmonte da “ordem bipolar” do pós II GM, neste cenário de reafirmação da hegemonia dos EUA, Tavares e Melin (1997) compreendem que cria-se

“uma situação de instabilidade estrutural em que a tendência a uma hierarquização do poder político internacional centralizada na potência hegemônica (...) limita decisivamente a eficácia dos Estados Nacionais como agentes de poder soberano, comprometendo inclusive, sua capacidade de regulação econômica e proteção social.” (TAVARES & MELIN, 1997, p. 56)

Isto é, o cenário da chamada globalização se configura em um contexto de subordinação internacional ao fortalecimento da hegemonia dos EUA e as políticas de globalização são “implementadas de forma sistemática mediante o apoio e a pressão da potência hegemônica em prol da crescente liberalização dos movimentos de capital” (TAVARES & MELIN, 1997, p. 57), movimento que beneficia majoritariamente os EUA, principal polo receptor de capitais e emissor de principal moeda mundial. A globalização, ao contrário do que pregam seus defensores, constitui-se não em um movimento de descolamento do poder da periferia ao centro, mas sim, na reconfiguração da subordinação da periferia aos EUA, agora em cenário de maior vulnerabilidade dos Estados Nacionais e sob os movimentos dos mecanismos da financeirização internacional. Nas palavras dos autores:

“Neste sentido, a concentração de poder político e financeiro existente no mundo contemporâneo não é o resultado espontâneo do aumento da competição e da eficiência dos “mercados globalizados”, mas de uma política deliberada de retomada da hegemonia mundial, a partir da década de setenta, quando a potência norte-americana parecia entrar em decadência. No plano do Poder e do Dinheiro os EUA comandam hoje um “jogo global”, que tenta sobrepor os conceitos de “Ordem Unipolar” e de “Economia Mundial”, mas cuja convergência está longe de consolidar-se e de ser benéfica e incluyente para a maioria dos países do mundo.” (TAVARES & MELIN, 1997, p. 57)

A análise sobre a reconfiguração da hegemonia dos EUA na obra de Maria da Conceição Tavares ganha novos elementos no texto, escrito em coautoria com Luiz Gonzaga Belluzzo, publicado do capítulo de livro em 2004, “A Mundialização do Capital e a Expansão do Poder Americano”. Neste texto, os autores afirmam que neste início de século XXI o que estava ocorrendo não era nem a derrocada do Império dos EUA, nem o surgimento de um novo *hegemon*, mas sim, uma rearticulação da hegemonia dos EUA, ainda que em um cenário de crises e descompassos entre os movimentos econômicos e geopolíticos.

Neste texto, os autores, ao analisarem os traços contemporâneos da hegemonia dos EUA, focam nos movimentos da chamada mundialização financeira e das transformações da riqueza capitalista. O contexto internacional sob financeirização é de aumento das assimetrias de crescimento entre os países – que aprofundam os elementos da dependência da periferia, em especial, no que concerne aos problemas de restrição de liquidez externa – e de ampliação da concentração de renda entre as classes.

Retomando alguns elementos já apresentados por Tavares & Melin (1997), apontam como que os desdobramentos da *diplomacia do dólar forte* promoveram mudanças na estrutura e na dinâmica da economia mundial, com a redistribuição da capacidade produtiva mundial, em especial, na indústria manufatureira, para a Ásia e a Europa, transformações no balanço de pagamentos entre EUA, Ásia e Europa, com desequilíbrios do ponto de vista dos EUA, e aprofundamento da chamada globalização financeira. Ainda que com forte endividamento – tanto interno, quanto externo, de maneira inédita para economias hegemônicas –, mas que não é uma questão significativa, já que são os emissores do dólar, a principal moeda do sistema financeiro mundial, e não correm risco de uma fuga do dólar, a economia dos EUA vivenciou um processo de crescimento a partir dos anos 1990 (só interrompido significativamente com o 11 de setembro de 2001 e com a crise do *subprime* de 2008) crescimento este, sem pressão inflacionária. Este ciclo de crescimento da economia dos EUA ampliou a relação de interdependência da economia dos EUA com as economias asiáticas, em especial, a China. Reforçando o caráter de centro motor da economia mundial o eixo EUA-China, como já citado anteriormente. Neste contexto, para os autores, em associação com sua força militar em cenário global, o poder dos EUA ainda que tenha maiores dilemas e novas questões do que nas décadas anteriores, ainda encontra-se forte. “O cérebro é o poder de contenção e de controle geopolítico da superpotência hegemônica e o coração da economia mundial continua sendo a sua gigantesca economia continental. O pulmão por onde respira e se expande a “2ª onda de globalização americana” é a Ásia ressurgente, em particular a China.” (TAVARES & BELLUZZO, 2004, p. 137).

Note-se que Tavares apresenta sua formulação original sobre a retomada e a rearticulação da hegemonia dos em um contexto de uma economia fortemente atingida (e subordinada) às consequências das mudanças e movimentos das políticas econômicas dos EUA. O fato de Tavares analisar, dialeticamente, a relação entre a economia nacional (do Brasil) e a economia mundial, a partir desta economia periférica (a brasileira) deu uma posição privilegiada para que a autora pudesse entender mais essencialmente a dinâmica da rearticulação das relações econômicas internacionais e da hegemonia dos EUA na década de 1980. Por estar analisando e preocupada com os caminhos de uma economia periférica que foi fortemente atingida pelos resultados da retomada da hegemonia dos EUA, Maria da Conceição Tavares pode, de maneira bastante original e pioneira, entender e analisar os movimentos da hegemonia dos EUA e da relação centro-periferia a partir da financeirização da economia mundial.

Este é um forte exemplo da importância de pensarmos a realidade da economia mundial, em especial, dos países periféricos, a partir de seus elementos próprios (e em sua relação dialética com o centro e a economia mundial) e a partir das formulações teóricas desenvolvidas na periferia. Assim, é fundamental que economistas da periferia sejam formados a partir não só das referências da história

do pensamento econômico “geral”, majoritariamente oriunda dos países centrais, mas também e principalmente por referências da periferia, que estejam focadas nas questões da periferia e de suas especificidades e que analisem os movimentos da economia mundial a partir do ponto de vista da periferia e de suas especificidades.

O trabalho de Tavares dá centralidade às relações econômico-financeiras, das quais o Sistema Monetário Internacional é a maior expressão. Posteriormente, em outros trabalhos, alguns em parcerias com coautores, nos anos 1990 e 2000, Tavares dá continuidade a suas reflexões sobre economia política internacional. Estas reflexões de Tavares contribuíram para a fundação de uma ampla linha de pesquisa sobre Economia Política Internacional na UFRJ.

Os autores ligados à economia política internacional só passaram a reconhecer que os EUA não haviam perdido espaço no cenário internacional após a crise da economia japonesa nos anos 1990 e após o fim da União Soviética e do chamado socialismo real em 1991. Mas, mesmo assim, as análises da economia política internacional neste período passaram a usar termos ligados à multipolarização mundial, em oposição ao mundo bipolar dos tempos da guerra fria. Tavares é categórica em renegar a ideia de multipolarização mundial, afirmando a existência da hegemonia dos EUA no final do século XX. Se pensarmos os elementos da diplomacia do dólar forte e a configuração dos sistemas econômicos e financeiros internacionais e também a diplomacia das armas e os movimentos de guerras, em especial, no Oriente Médio, liderados pelos EUA, nos anos 1990 e 2000, podemos ver na realidade concreta da economia política mundial, elementos indicativos da análise de Tavares.

4. Considerações finais

Estas reflexões inovadoras de Tavares sobre a Economia Política Internacional serviram de ponto de partida para a pesquisa em Economia Política Internacional (EPI) no Brasil – em especial no Instituto de Economia da UFRJ (IE)/UFRJ, muito em parceria com o cientista político José Luis Fiori, também professor do IE/UFRJ – onde posteriormente deu origem a um programa de pós-graduação em Economia Política Internacional (PEPI/IE/UFRJ).

Como afirmado anteriormente, a análise de Tavares sobre a retomada da hegemonia americana na época foi uma análise inovadora, em especial em sua época. Esta análise refletia uma compreensão sobre a economia global e os efeitos da hegemonia dos EUA via a *diplomacia do dólar forte*, em maior medida, e também da *diplomacia das armas* e suas consequências para a economia política mundial que só foi possível por ser uma autora que estava no sul global/periferia (logo, em uma economia diretamente afetada por estes movimentos) e preocupada com as questões (análises e propostas) das economias da América Latina e do Brasil em um contexto fortemente condicionado

por estas questões ligadas à hegemonia dos EUA e às consequências da chamada diplomacia do dólar forte.

Sendo esta análise a partir da periferia e das questões da América Latina, mas focando nos movimentos da economia política global, a análise de Tavares no campo da Economia Política Internacional (EPI) revela a potência e a importância para a história do pensamento, econômico em especial, de análises feitas pela periferia e a partir da periferia.

Além disto, ao focar no entendimento da hegemonia como um elemento não limitado à ou associado a ser o maior poder econômico, a maior economia ou o fato de ser a maior potência militar, mas sim, sua capacidade de enquadramento (através de coerção e consenso) econômico-financeiro e político-ideológico de seus adversários e aliados a análise de Tavares pode nos ajudar em alguns dos grandes dilemas contemporâneos da Economia Política Internacional. Como afirmado neste texto, para autora, a capacidade de dominação que é derivada de seu poder monetário-financeiro e seu poder militar que são os fatores determinante da hegemonia. Mais especificamente, é a centralidade da moeda nacional do país *hegemon* ou que busca alcançar este *status* no sistema financeiro internacional e sua capacidade de comandar o sistema financeiro internacional e direcionar e subordinar as políticas macroeconômicas das demais economias (parceiras, subordinadas ou rivais) aos seus interesses que confere o *status* hegemônico àquele país.

Este entendimento sobre hegemonia pode ajudar nos debates e análises sobre o atual cenário da geopolítica mundial, sobre as questões em torno das disputas entre EUA e China, sobre a possível crise de hegemonia dos EUA e a possibilidade da China ultrapassar os EUA. A China é atualmente a segunda maior economia do mundo (atrás dos EUA), é considerada a “*fábrica do mundo*”, é uma das principais parceiras comerciais de boa parte dos países do mundo, incluindo os EUA, mas, ainda não possuem a centralidade no sistema financeiro internacional que os EUA possuem e o dólar ainda é a principal moeda do sistema monetário e financeiro mundial.

5. Referências Bibliográficas

BASTOS, Pedro Paulo Zahluth. Tardio, Desigual e Combinado: a origem do projeto intelectual da Escola de Campinas e a contribuição de Maria da Conceição Tavares. In: FUCIDJI, José Ricardo (org.). **As narrativas de clio: ensaios de interpretação histórica e metodológica**. Curitiba: CRV | Campinas, SP: Unicamp. IE, 202, p. 91-169.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. Maria da Conceição Tavares. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 14, p. 193-200, 2010.

- BRAGA, José Carlos de Souza. “Financeirização global – O padrão sistêmico da riqueza do capitalismo”. *In*: TAVARES, Maria da Conceição & FIORI, José Luis (org.) **Poder e dinheiro: uma economia política da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 195-242.
- CANO, Wilson. “América Latina: do desenvolvimento ao neoliberalismo.” *In*: FIORI, José Luis (org.) **Estados e moedas no desenvolvimento das nações**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999, p. 287-326.
- CARNEIRO, Ricardo. **Desenvolvimento em crise: a economia brasileira no último quarto do século XX**. São Paulo: Editora Unesp/IE. Unicamp, 2002.
- CORREA PRADO, Fernando. História de um não-debate: a trajetória da teoria marxista da dependência no Brasil. *In*: **Comunicação & Política**, v. 22, p. 68-94, 2011.
- FIORI, José Luís. Maria da Conceição Tavares e a hegemonia americana. *In*: **Lua Nova**, n 50, 2000, p. 207-242.
- FRIEDEN, Jeffrey A. **Capitalismo global: história econômica e política do século XX**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2008.
- MEDEIROS, Carlos Aguiar de. Economia e Política do Desenvolvimento Recente da China. *In*: **Revista de Economia Política**, vol. 19, nº 3 (75), 1999, p. 92-112.
- MEDEIROS, Carlos A. “O Desenvolvimento Tecnológico Americano no Pós-Guerra como um Empreendimento Militar”. *In*: FIORI, José Luís (org.). **O poder americano**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004a, p. 225-252.
- MEDEIROS, Carlos A. “A economia Política da Internacionalização sob Liderança dos EUA: Alemanha, Japão e China”. *In*: FIORI, José Luís (org.). **O poder americano**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004b, p. 139-177.
- MEDEIROS, Carlos Aguiar de. “Desenvolvimentismo com características chinesas”. *In*: MAJEROWICZ, Esther; PARANÁ, Edemilson (orgs.) **A china no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Expressão Popular, 2022, p. 31-98.
- MEDEIROS, Carlos A; SERRANO, Franklin. “Padrões monetários internacionais e crescimento”. *In*: FIORI, J. L. (Ed.). **Estados e moedas no desenvolvimento das nações**. Petrópolis: RJ Vozes, 1999, p. 119-151.
- MEDEIROS, Carlos Aguiar de; CINTRA, Maria Rita Vital Paganini. Impacto da ascensão chinesa sobre os países latino-americanos. *In*: **Revista de Economia Política**, vol. 35, nº 1, 2015, p. 28-42.

PARANÁ, Edemilson; LOPES, Valéria. “A trajetória da ação desenvolvimentista chinesa e seus desafios contemporâneos”. *In*: MAJEROWICZ, Esther; PARANÁ, Edemilson (orgs.) **A china no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Expressão Popular, 2022, p. 99-145.

ROBILLOTI, Paulo César das Neves Sanna. **O Desenvolvimento capitalista na obra de Maria da Conceição Tavares: Influências teóricas, economia política e pensamento econômico**. Dissertação (mestrado) – Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, 2016.

TAVARES, João Marco Hausmann. **A Economia Política da Internacionalização Financeira e Tecnológica: Uma Análise das Contribuições de François Chesnais e Maria da Conceição Tavares**. Tese (Doutorado) – Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Economia, Programa de Pós-graduação em Economia da Indústria e da Tecnologia, 2017.

TAVARES, Maria da Conceição. A Crise Financeira Global. *In*: **Revista de Economia Política**, v. **3**, n. **2**, p. 15–25, 1983.

TAVARES, Maria da Conceição. A retomada da hegemonia norte-americana. *In*: **Revista de Economia Política**, v. **5**, n. **2**, p. 5–15, 1985.

TAVARES, Maria da Conceição. “A retomada da hegemonia norte-americana”. *In*: TAVARES, M. DA C.; FIORI, J. L. (Eds.). **Poder e dinheiro: uma economia política da globalização**. Petrópolis: Editora Vozes, 1985. [1997], p. 27-53.

TAVARES, Maria da Conceição; FIORI, José Luís. **(Des)Ajuste global e modernização conservadora**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

TAVARES, Maria da Conceição. “Império, território e dinheiro”. *In*: FIORI, J. L. (Ed.). **Estados e moedas no desenvolvimento das nações**. Petrópolis: RJ Vozes, 1999, p. 449-489.

TAVARES, Maria da Conceição. Globalização e Estado Nacional. *In*: **La Globalización Económico Financiera. Su impacto en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2002.

TAVARES, Maria da Conceição. Maria da Conceição Tavares. [Entrevista concedida a] Carlos Eduardo Martins, Rodrigo Castelo e Virgínia Fontes. **Margem esquerda: ensaios marxistas**, n. **11**, São Paulo: Boitempo Editorial, p. 13-23, 2008.

TAVARES, Maria da Conceição. Maria da Conceição Tavares. [Entrevista concedida a] Luiz Felipe Osório e Maurício Metri. **Margem esquerda: ensaios marxistas**, n. **32**, São Paulo: Boitempo Editorial, p. 11-23, 2019.

TAVARES, Maria da Conceição; FIORI, José Luís. “Apresentação”. *In:* TAVARES, M. DA C.; FIORI, J. L. (Eds.). **Poder e dinheiro: uma economia política da globalização**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997, p. 7-13.

TAVARES, Maria da Conceição; MELIN, L. E. “Pós-escrito 1997: A reafirmação da hegemonia norte-americana”. *In:* TAVARES, M. DA C.; FIORI, J. L. (Eds.). **Poder e dinheiro: uma economia política da globalização**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997, p. 55-86.

TAVARES, Maria da Conceição; TEIXEIRA, Aloísio. **A internacionalização do Capital e as “Multinacionais” na Indústria Brasileira**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1980.

TAVARES, Maria da Conceição; TEIXEIRA, A. La internacionalización del Capital y las Transnacionales em la Industria Brasileña. *In:* **Revista de La Cepal**, 1981.

TAVARES, Maria da Conceição; TORRES FILHO, Ernani Teixeira; BURLAMAQUI, E. **Japão: um caso exemplar de capitalismo organizado**. Brasília: IPEA/CEPAL, 1991.

TAVARES, Maria da Conceição; BELLUZZO, Luiz Gonzaga. “A mundialização do Capital e a Expansão do Poder Americano”. *In:* FIORI, José Luís (org.). **O poder americano**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004, p. 111-138.

TAVARES, Maria da Conceição; METRI, Maurício. A geoeconomia do império e as mutações do capital: os dois ciclos de expansão econômica dos Estados Unidos no final do século XX. *In:* **Revista de Economia Política**, vol. 40, nº1, p. 3-21, janeiro-março/2020.

SADER, Emir. “Imperialismo e hegemonia”. *In:* GUIMARÃES, Juarez (org.). **Leituras críticas sobre Maria da Conceição Tavares**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 29-40.

SERRANO, Franklin. **Do ouro imóvel ao dólar flexível**. *Mimeo*. IE-UFRJ, 1999.

SERRANO, Franklin. “Relações de Poder a Política Macroeconômica Americana, de Bretton Woods ao Padrão Dólar Flexível”. *In:* FIORI, José Luís (org.). **O poder americano**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004, p. 179-222.

STRANGE, Susan. International Political Economics and International Relations: a case of mutual neglect. *In:* **International Affairs**, Volume 46, Issue 2, April 1970, p. 304–315.